

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

Dados da Ficha

Palavras-chave	Terras, venda, Chapecó, mato, chá.
Entrevistado:	Adão Antônio da Rosa (AR)
Idade:	84 anos
Entrevistadoras:	Melânia Olimira Höhn (MH)
Data da entrevista:	21/03/2015
Transcrição da entrevista:	NI

MH - Qual é o seu nome completo?

AR - Adão Antônio da Rosa

MH - Onde o senhor morava antes de vir para cá?

AR - No município de Passo Fundo.

MH - O que levou o senhor a vir morar para Chapecó?

AR - É que vieram meus pais de lá, as terras estavam muito velhas, fracas, eles vieram procurar uma terra melhor para viver, às terras não davam mais nada.

MH - E o que vocês plantavam quando chegaram aqui?

AR - Plantava feijão, milho, trigo.

MH - Criavam animais também?

AR - Porco, vaca de leite, cavalo.

MH - Como criavam os porcos?

AR - Criava no chiqueiro, um pouco solto, um pouco fechado. Tratava pasto, milho,

MH - Criavam os porcos sozinhos ou em conjunto?

AR - Não, só nossa família.

MH - Além da roça vocês faziam dinheiro com o que mais?

AR - Vendia porco, vendia trigo, madeira de pinheiro. Eles serravam em prancha, faziam bascos e já mandavam para baixo, para Argentina.

MH - Além do pinheiro o que mais vendiam?

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

AR - Fazia uma balsa de toras, madeira roliça de 150 a 200 toras por balsa. Até mil dúzia é balsa, acima de mil dúzias é remorso.

MH - E seu irmão puxava a tora para a balsa?

AR - Lá eles atavam a madeira, as prancha com cipó.

MH - Vocês puxavam a madeira até o rio?

AR - Até o rio quem puxava eram as donas das madeiras, daí vinham os balseiros e compravam. Cedro, cabriúva roliço toras de cinco metros e meio.

MH - Quais eram os costumes de vocês?

AR - A comida era tudo comida grosseira, polenta, canjica, feijão. Pão era difícil que a gente comia porque não tinha farinha de trigo, a finada mãe fazia broa, fazia na panela porque não tinha forno.

MH - As terras que vocês vieram morar compraram?

AR - Compramos 30 alqueires, três colônias.

MH - E de quem compraram?

AR - Compramos de uma gente de Xanxerê.

MH - O que eles eram? Eram colonizadores?

AR - Eram donos das terras, naqueles tempos eles compravam tantas colônias e vendiam. Vendiam dez, vinte, trinta colônias, davam escritura, naquele tempo era assim.

MH - E para fazer a lavoura era fácil?

AR - Era fácil, tinha capoeira, as buva, daí roçava e queimava. Arado nós não tínhamos, mas não precisava limpar porque não tinha isso. Arroz nós plantávamos bastante, de cada quilo dava uma bolsa de arroz.

MH - E o puxirão fazia?

AR: - Não, aquele tempo era pouco pessoal, não conhecia ninguém, ninguém conhecia agente, era muito ralo. Existia puxirão, mas não por ai.

MH - Outros costumes, vocês costumavam usar a técnica do benzi mento?

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

AR - Sim, era o benzi mento e fazia bem, rendia um braço ia lá, naquela época tinha gente que doía os dentes que eram cariados e tinha uma velhinha que benzia e mandava soprar água ai caia o bichinho dos dentes.

MH - Plantavam chá, usavam chá?

AR - Tinha tudo que é tipo de remédio, colhia na lavoura, tinha hortelã, Mangerona. Essas outras do mato, carqueja e diversos remédios.

MH - E quando chegaram aqui era tudo mato?

AR - Era tudo mato uma casinha de madeirinha lascada no meio do pinhal, daquele mato, bicho para caçar. Daí nos vendeu esse pinheiro e uma parte mandou serrar e fizemos uma casa boa e bem grande, tudo madeira nobre, o que tinha em cima era ranchinho. Nós levamos oito dias para chegar, era carrocinha e balsa para atravessar, só sofrimento.

MH - E esse ranchinho que o senhor fala era coberto de tabuinha?

AR - O ranchinho era de tabuinha e chão batido. Fizemos casa com soalho e sobrado em cima. Depois mais tarde saia baile, tinha um salão bem grande.

MH - Tinha já alguma fruta plantada?

AR - Não tinha ai nós plantamos. Uns três quilômetros perto do Uruguai tinham goiaba, laranja e banal.

MH - Alguma árvore ou planta nativa que vocês usavam para fazer remédio?

AR - Só remédio, do mato tinha essa cangorosa, o italiano diz terra santa porque tem um espinho na beirada, pra colocar em uma ferida e também para tomar. Nós chamamos de cangorosa, mas os italianos chamam de sassafrás. A casaca dele é boa, mas é muito forte, se colocar na água ou numa cachaça ele fica escuro ai ninguém agüenta tomar.

MH - Mas usavam também para remédio?

AR - Sim, para reumatismo,

MH - Antes o senhor falou que plantavam para vender, para quem vendiam?

AR - Vendia aqui na Cerrinha vendiam para dois negociantes, eles tinham loja e mercado. Feijão, milho e trigo.

MH - E o porco vendia inteiro ou a carne?

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

AR - Vendia a carne, a banha quando sobrava. Porque naquele tempo não tinha geladeira então fritava a carne e misturava na banha.

MH - Tinham algum costume de brasileiro da época que eu não perguntei e o senhor gostaria de falar?

AR - Faziam essas comidas grosseiras,

MH - Faziam festas de comunidade? Festa do divino?

AR - Festa de comunidade não, as festa do Divino Espírito Santo tinha, mas era aqui no Bormann. Arrecadavam alguma leitoa, fazia as festas e era tudo dado e no final ainda sobrava.

MH - Vocês também fabricavam erva?

AR - Ali não existia erva mate, só mato e sassafrás, na Linha Cachoeira.

MH - Em que ano vocês saíram da Linha Cachoeira?

AR - Que eu vim para Chapecó faz uns trinta e cinco anos, morei em tudo que bairro, trabalhou bastante e o que eu não pude era conseguir capital, por uns tempos as coisas iam mal, depois fui trabalhar na prefeitura e trabalhei vinte anos e lá te fazia tudo, varrer, carpir, ficar de guarda.

MH - E logo que o senhor veio morar em Chapecó já tinha asfalto?

AR - Não, não tinha calçamento, as ruas eram tudo meio ondeada, primeiramente morei no Santo Antônio, depois morei em muitos bairros. Eu trabalhava fazendo poço, eu sei ver água.

MH - Como o senhor fazia esse negócio de ver água?

AR - Com uma vara de pessegueiro e de pé no chão, até que ele não dá na veia ele não do sinal, mas quando dá na água ele dá sinal, cai para frente ou para trás.

MH - E o senhor cobrava para achar água?

AR - Mas eu vivia era disso, cobrava para achar e para cavar cobrava por metro.

MH - Alguma coisa a mais que o senhor gostaria de falar?

AR - Era muito sofrido na roça.

MH - E para comprar comida era caro?

AR - Não era caro, mas era difícil achar.

MH - E as roupas eram caras?

AR - A roupa não era cara, a maioria era comprada em fazenda e as costureiras que faziam. Meus irmãos não queriam que eu sáísse de lá, mas eu pobre lá na roça e os filhos foram crescendo, ai teve um ano que a safra deu ruim então resolvi sair e vir para a cidade.

